
MÍDIA E DESCENTRAÇÃO SOCIAL: A INFLUÊNCIA NO JULGAMENTO SOBRE ADOLESCENTES ENVOLVIDOS EM ATOS INFRACIONAIS¹

Eloá Losano de Abreu²Júlio Rique³Cleonice Camino⁴Thalita Lays Fernandes de Alencar⁵**Resumo**

Este estudo teve como objetivo verificar se a quantidade e a qualidade de informações oferecidas pela mídia podem influenciar o julgamento sobre adolescentes envolvidos em atos infracionais. A base teórica utilizada foi a perspectiva piagetiana sobre o desenvolvimento da descentração social, operacionalizada neste estudo através de manifestações de tomada de perspectiva social e empatia. Foi realizada uma pesquisa quase-experimental, com quatro grupos focais, diferenciados a partir da quantidade e do tipo de informação oferecida ao grupo sobre o tema. Após assistirem aos vídeos da condição experimental, cada participante respondeu questões sobre o tema e cada grupo realizou uma discussão coletiva sobre as respostas a essas perguntas. A análise das transcrições das discussões em grupo foi realizada pelo software Alceste, através do procedimento de Análise Cruzada. Os resultados mostraram que cada grupo enfatizou argumentos presentes nas informações contidas na sua condição experimental, de modo que essas informações parecem influenciar seu julgamento sobre a temática. O grupo que recebeu mais informações e sobre aspectos diferenciados do tema apresentou argumentos mais abrangentes que os demais grupos, com demonstrações de tomada de perspectiva social e empatia. Concluiu-se que o acesso a informações variadas favorece a descentração social e permite julgamentos mais complexos.

Palavras Chave: mídia; descentração; tomada de perspectiva social; empatia.

¹ Esse trabalho faz parte da tese de doutorado da primeira autora, intitulado “A influência das informações repassadas pela mídia na descentração social de julgamentos sociomoraís”, com financiamento pelo CNPq.

² Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. E-mail: elo.losano@academico.ufpb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7712-6275>

³ Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. E-mail: julio.rique@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7383-5111>

⁴ Professora do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. E-mail: cleocamino@yahoo.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5756-7214>

⁵ Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal do Cariri, Crato, Ceará. E-mail: thalitaalays.alencar@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3898-6242>

MEDIA AND SOCIAL DECENTRATION: THE INFLUENCE ON THE JUDGMENT OF ADOLESCENTS INVOLVED IN INFRACTIONS

Abstract

This study aimed to verify how the quantity and quality of information offered by the media can influence the judgment of adolescents involved in infractions. The theoretical basis used was the Piagetian perspective on the development of social decentration, operationalized in this study through manifestations of social perspective taking and empathy. A quasi-experimental research was carried out, with four focus groups, differentiated based on the amount and type of information offered to the group on the topic. After watching the videos of the experimental condition, each participant answered questions on the topic and each group held a collective discussion about the answers to these questions. The analysis of the transcription of the discussions was performed by the software Alceste, through the procedure of Cross Analysis. The results showed that each group emphasized arguments present in the information contained in their experimental condition, so that this information seems to influence their judgment on the subject. The group that received more information and on different aspects of the topic presented broader arguments than the other groups, with demonstrations of taking a social perspective and empathy. It was concluded that access to varied information favors social decentration and allows for more complex judgments.

Keywords: media; decentration; social perspective taking; empathy.

Introdução

Nesse artigo, serão apresentados os resultados de uma pesquisa que buscou verificar como a quantidade e qualidade (ou tipo) de informações fornecidas pela mídia sobre o envolvimento de adolescentes em atos infracionais se relaciona com o julgamento e a tomada de decisão de jovens universitários. Este tema é abordado pela mídia com frequência e a forma de abordagem pode influenciar o espectador a formar julgamentos enviesados sobre os jovens envolvidos nas violações.

Sabe-se que um dos recursos mais utilizados pela população em geral para embasar julgamentos na sua tomada de decisões sobre problemas sociais é a posição fornecida pela mídia televisiva e outros meios de comunicação em massa (DA SILVA, 2022). Nesse sentido, a maneira com que as notícias sobre envolvimento de adolescentes em atos infracionais são divulgadas na mídia pode ocasionar um processo de dessensibilização sobre essa população e a síndrome do mundo mau (SCHARRER, 2009). A dessensibilização ocorre quando a exposição frequente a situações de violência na mídia faz com que as pessoas “se acostumem” com a gravidade das situações, levando a naturalização dos fatos. Assim, as pessoas se tornam menos sensíveis à dor, ao sofrimento ou às possíveis consequências sociais da violência (PINHEIROS; CARDOSO; RIBEIRO, 2019; TERRIBELE; MUNHOZ, 2021). A síndrome do mundo mau, por sua vez, se refere a percepções das pessoas sobre a realidade como inerentemente violenta, ou seja, a frequente exposição a informações sobre ações violentas (cometidas por pessoas de um mesmo grupo social), pode levar as pessoas a perceberem o mundo à sua volta (ou as pessoas deste grupo social) como violento e cruel.

Segundo La Taille (2009), a maneira com que as pessoas interpretam e utilizam as informações está associada a um aumento do individualismo e do hedonismo instrumental no julgamento e no comportamento moral das pessoas,

e nos faz questionar qual o papel dos meios de comunicação de massa ao lidar com questões sociais. De acordo com o autor, as informações fornecidas pela mídia são fragmentadas:

Cada jornal é um caleidoscópio, tudo é fragmento: fragmento de espaço (as notícias percorrem cidades, aldeias, países, bairros), fragmentos de tempo (fala-se do aqui e do agora, do dia de hoje), fragmentos de atividades humanas (guerra, política, arte, esporte, etc.), fragmentos de conhecimentos (notícias diversas amputadas pelo seu sentido, de sua história de possíveis consequências). (p.29)

Essa fragmentação da informação leva a “lacunas de conhecimento”, ou seja, obstáculos para a compreensão das pessoas sobre a verdade de uma situação. Para evitar que isso aconteça, a informação deve cumprir a função de relacionar elementos temporais (i.e. sobre o passado, presente e futuro dos casos em questão) e pontos de vista dos diversos atores envolvidos na situação reportada. Isso é especialmente importante porque “a mídia não pode mais ser vista como somente um meio de difusão de informações, é certo dizer que, além do seu poder de informação, ela também possui ampla capacidade de influenciar determinados indivíduos [...]” (DA SILVA, 2022, p. 18). Como La Taille (2009) afirma, a propagação de informações fragmentadas pode ser uma das explicações para a dificuldade que as pessoas apresentam para utilizar a descentração ao analisar questões sociais.

A descentração é um conceito central dessa pesquisa. Piaget (1964/2010; 1953/2014) a define como um processo de deslocamento do foco cognitivo que permite que o indivíduo se diferencie da realidade externa e das demais pessoas, e desenvolva a percepção e o entendimento de diferentes perspectivas, assim como a capacidade de articulá-las em seu raciocínio e nas suas tomadas de decisões. O desenvolvimento da descentração possibilita uma tomada de consciência mais ampla, o que permite que o indivíduo se insira num universo variado, e seja capaz de analisar as situações de maneira mais complexa.

O ritmo de desenvolvimento da descentração é estabelecido pelas interações sociais que podem ou não atuar em seu favorecimento. De acordo com Piaget (1964/2010), a descentração depende do contato com situações que suscitem o conflito cognitivo e da apresentação de informações suficientes para o estímulo das capacidades lógicas e afetivas do indivíduo. Esse mesmo autor indica que há uma tendência natural de interpretar a realidade a partir dos recursos cognitivos que já dispomos, assimilando-a de forma egocêntrica e adequando-a à própria perspectiva. O contato com novas informações e situações produz o desequilíbrio necessário para que possíveis inadequações interpretativas sejam percebidas, atingido o nível de descentração suficiente para identificar a necessidade de acomodar-se às novas demandas da realidade, o que, por sua vez, irá motivar o avanço no desenvolvimento cognitivo (PIAGET, 1990/2012). Pode-se concluir, portanto, que a ausência de informações se torna um limitante da descentração e conseqüentemente da capacidade analítica e reflexiva do indivíduo.

Na teoria de Piaget (1953/2014), a descentração é um dos “critérios” principais para os avanços cognitivos e afetivos que envolvem as interações sociais das pessoas, pois ela é responsável pela ampliação do campo perceptivo e social delas, habilitando as pessoas para a tomada de perspectiva social (no plano cognitivo) e para o surgimento da empatia (no plano afetivo).

De acordo com Selman e Byrne (1974), a Tomada de Perspectiva Social é uma derivação da descentração e consiste na aplicação desse recurso cognitivo nas relações interpessoais. A capacidade de tomada de perspectiva social envolve tanto o reconhecimento da existência de diferentes perspectivas numa situação social, ou de diferentes soluções e possibilidades de ação para resolver uma questão, como também a consideração, e possivelmente a adoção, de diferentes perspectivas durante a tomada de decisão (SELMAN, 1976; VAN LIESHOUT et al., 2019). De acordo com Selman (1971), essa coordenação cognitiva parece ocorrer

em níveis ou graus de integração das perspectivas, e dependem da qualidade da descentração do raciocínio do indivíduo. Ou seja, o desenvolvimento dessa habilidade progride desde uma tomada de perspectiva mais egocêntrica, em que não há capacidade de inferir sobre outras perspectivas, até uma tomada de perspectiva mais recíproca, complexa e abrangente. Isso significa que há a possibilidade de desenvolver uma percepção cada vez mais acurada a respeito do outro, melhorando a capacidade de inferir sobre seus julgamentos, expectativas, sentimentos e potenciais reações (LOVE; DAVIS, 2021; VAN LIESHOUT et al., 2019).

Já a Empatia é definida por Hoffman (1980) como uma resposta afetiva mais apropriada para a situação do outro do que para a situação do próprio indivíduo, ou seja, a mudança do sentimento de uma pessoa para sintonizar com o de outra pessoa ou com a situação em que se encontra outra pessoa. Ela consiste na habilidade de inferir, compreender e sentir os sentimentos de outra pessoa, o que pode influenciar na adoção de ações adequadas à situação do outro (HOFFMAN, 2000/2007; KWAŚNIEWSKA-PASZTA, 2021).

Embora a empatia seja um componente afetivo que está presente desde os primeiros meses de vida do indivíduo, ela pode se manifestar de maneira egocêntrica ou descentrada, dependendo do nível de desenvolvimento do indivíduo e da maneira com que o indivíduo utiliza de recursos cognitivos auxiliares na compreensão da situação social, como a descentração e a tomada de perspectiva social (HOFFMAN, 2000/2007).

Além disso, é importante destacar que a empatia envolve a mobilização de elementos afetivos e cognitivos, pois é preciso que haja uma interpretação cognitiva da situação e dos sentimentos experienciados pelo outro para que a partilha afetiva seja possível (KWAŚNIEWSKA-PASZTA, 2021). A empatia pres-

supõe a capacidade de compreender e considerar os sentimentos de outras pessoas, o que demanda sair da própria perspectiva, de modo que a empatia está diretamente ligada à habilidade de descentração cognitiva e afetiva. É o desenvolvimento da descentração e da reciprocidade que permite ao sujeito se colocar efetivamente no lugar do outro para ser afetado por suas emoções (HOFFMAN, 2000/2007).

Com o avanço da empatia para níveis mais descentrados, Hoffman (2000/2007) indica que é possível expandir a compreensão da situação específica para uma compreensão mais ampla do contexto que envolve as partes envolvidas na situação social. É dessa forma que a empatia pode se direcionar a grupos específicos em situação de vulnerabilidade, por exemplo. Segundo Hoffman, a partir da adolescência, o indivíduo pode ser capaz de compreender a situação considerando não apenas as características pessoais dos envolvidos e aspectos circunstanciais, mas compreender a situação de todo um grupo ou classe social.

Considerando o tema utilizado nesta pesquisa, por exemplo, do envolvimento de adolescentes em atos infracionais, o indivíduo seria capaz de compreender a situação de um determinado adolescente analisando não apenas sua motivação pessoal para se envolver em delitos, mas as circunstâncias do seu contexto de vida familiar e social que interferem em suas decisões, como suas condições de moradia, econômicas e educacionais (GIBBS, 2019).

Percebe-se, no entanto, que como bem salientado por Hoffman (2000/2007) é o contato com informações que possibilita o conhecimento dos elementos sociais mais abrangentes que envolvem uma situação social, viabilizando essa expansão da compreensão quando o indivíduo se torna capaz de utilizar de maneira integrada as pistas situacionais e informações do contexto prévio ou da situação de vida das pessoas (ZHURAVLOVA; CHEBYKIN, 2021).

Dessa forma, considerando a tomada de perspectiva social e a empatia como expressões de descentração, é possível analisar o uso da descentração de uma pessoa a partir da sua capacidade em adotar e integrar diferentes perspectivas na análise de uma questão social ou na tomada de decisão sobre a melhor ação a ser adotada numa situação social, e na apresentação dos sentimentos empáticos voltados para os personagens sociais envolvidos (Hoffman, 2000/2007). Na pesquisa descrita neste manuscrito, buscou-se identificar, a partir de manifestações de tomada de perspectiva social e de empatia, a capacidade de descentração de jovens adultos ao analisarem um problema social, a saber, a questão dos adolescentes envolvidos em atos infracionais.

Ainda, foi considerada a relação entre o conhecimento (informação) e a 'forma' do raciocínio (descentração) para analisar situações sociais, a partir da reflexão sobre a mútua importância desses elementos, conforme apontado por La Taille (2009):

Para desvendar verdades de todo tipo, são necessários conhecimentos (conteúdo) e formas precisas de raciocínio (forma). De nada adianta ser capaz de raciocinar bem, mas não possuir conhecimentos que alimentem a reflexão. Mas tampouco adianta possuí-los sem ser capaz de organizá-los de forma a chegar a diversas conclusões. (p.101)

Partindo desta compreensão, o presente estudo leva em consideração a importância das informações para o desenvolvimento da descentração aplicada ao tema dos adolescentes envolvidos em atos infracionais. A respeito desse assunto, sabe-se que a mídia veicula amplas informações sobre as infrações cometidas pelos adolescentes, e neste sentido, a presente pesquisa se pautou no seguinte questionamento: Será que oferecer outros tipos de informações sobre o contexto de vida de crianças e adolescentes envolvidos em atos infracionais ou as condições das unidades de ressocialização faria diferença nos julgamentos das

peças sobre esse problema? Para responder a esse questionamento foi delineado um estudo quase-experimental, utilizando grupos focais e manipulação das informações apresentadas em cada grupo.

Método

Participantes

O estudo contou com 26 jovens adultos, sendo 19 mulheres e 7 homens, universitários do curso de Psicologia de uma universidade pública. As idades dos participantes variaram entre 17 e 27 anos ($M = 19,45$; $DP = 1,9$), e eles foram divididos em quatro grupos: Grupo 1 ($n=6$), Grupo 2 ($n=5$), Grupo 3 ($n=7$) e Grupo 4 ($n=8$).

Instrumentos

Foi utilizado um questionário sociodemográfico para identificação dos participantes, coletando informações como idade, sexo e período que estavam cursando Psicologia. Em seguida, foi utilizado um questionário semiestruturado, que continha perguntas a respeito do tema, que os participantes deveriam responder após assistirem ao vídeo com as informações da mídia. Nesse questionário os participantes deveriam opinar sobre questões como: quais as causas da violência cometida por adolescentes; o que os governantes poderiam fazer para ajudar a resolver o problema da violência cometida por jovens; como os jovens devem ser julgados pelo sistema judiciário pelos atos infracionais que cometem; se o contexto de vida dos jovens influencia no seu envolvimento em atos infracionais; e se acreditam na ressocialização desses jovens.

Procedimentos

Éticos

Esse estudo seguiu todas as recomendações da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), tendo o projeto sido aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (Protocolo 0526/14).

Coleta de dados

Os participantes foram abordados em salas de aula e convidados para a pesquisa. Aqueles que apresentaram disposição para participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e informaram sua disponibilidade de dias e turnos para participação do grupo focal. Foi realizado, então, o agendamento dos grupos. Deve-se destacar que procurou-se ter 12 pessoas em cada grupo, porém nem todas as pessoas convidadas compareceram à atividade marcada, e por esta razão as atividades em cada grupo foram realizadas apenas com os participantes que compareceram.

As sessões em cada grupo ocorreram na seguinte sequência: os participantes assistiram a um vídeo, com as informações de cada condição experimental. Em seguida, responderam individualmente as perguntas de um questionário semiestruturado. Logo após as respostas individuais, cada grupo participou de uma sessão de discussão, onde poderiam expor suas respostas e dialogar com os demais participantes. Cada sessão teve duração média de duas horas e meia, e a escolha de qual vídeo seria assistido em cada grupo foi feita através de um sorteio. A discussão de cada grupo foi gravada em vídeo, e transcrita na íntegra. Neste estudo serão descritos os resultados obtidos com essas sessões de discussão em grupo.

Condições experimentais

Foram selecionados vídeos de programas de televisão sobre o tema, que foram obtidos através de buscas realizadas no site do portal Youtube. Em seguida, foram editadas quatro coletâneas de vídeos, uma para cada condição experimental.

· Grupo 1: Estatísticas do envolvimento de adolescentes em atos infracionais: Nesta coletânea, foram apresentados dados estatísticos sobre a violência cometida por jovens no Brasil, desde a taxa de homicídios e outras infrações cometidas por jovens, a estatística de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, e exemplos de notícias divulgadas na mídia nacional sobre eventos com adolescentes envolvidos em atos infracionais. Essas informações serão apresentadas em todos os grupos, sendo o grupo 1 um grupo controle, que recebeu apenas essas informações.

· Grupo 2: Os Antecedentes do envolvimento: O vídeo para esse grupo continha a apresentação das mesmas informações apresentadas ao Grupo 1, seguida de vídeos com trechos de programas de televisão que apresentavam entrevistas realizadas com adolescentes que se envolveram em atos infracionais, onde eles expõem sua história de vida e o contexto em que eles viviam quando se envolveram em tais infrações.

· Grupo 3: As Condições das unidades de ressocialização: Além das informações do Grupo 1, foram apresentados vídeos com trechos de reportagens sobre as condições de vida dos adolescentes nas Unidades de Ressocialização do Brasil, bem como a realidade das penitenciárias brasileiras. A introdução de informações sobre as penitenciárias brasileiras foi feita com base na possibilidade de os participantes argumentarem a respeito da redução da maioria penal.

· Grupo 4: A História Completa: Nesse grupo, foram apresentadas todas as informações divididas nos demais grupos, ou seja, foram exibidas as informações sobre as estatísticas da violência cometida por jovens, e as coletâneas de vídeos sobre a história de vida dos adolescentes e sobre como eles são tratados nas Unidades de Medidas Socioeducativas e penitenciárias brasileiras.

Análise de dados

As transcrições das sessões de discussão em grupo foram submetidas a uma análise lexical através do software Alceste - Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte (REINERT, 1998). No programa, foi realizada a Análise Cruzada, ou Análise Tri-croisé. Nela é realizado um tratamento orientado dos dados a partir de determinadas variáveis de interesse do pesquisador. A vantagem da análise cruzada é que ela permite que o pesquisador indique as variáveis mais importantes para sua investigação e oriente a formação das classes a partir dessas variáveis. A quantidade de classes encontradas é determinada pelo total de possibilidades da variável escolhida (SARAIVA, 2010). Sendo assim, foi solicitado que o programa separasse uma classe referente a cada grupo experimental, de modo que se pudesse observar os conteúdos destacados nas falas dos participantes por grupo.

Resultados

A análise cruzada realizada pelo software do Alceste permitiu identificar os discursos mais relevantes dentro de cada grupo, facilitando a inferência de possíveis influências das informações apresentadas nos vídeos durante a discussão em grupo. A seguir, serão apresentados os resultados obtidos para cada grupo, com exemplos de falas dos participantes. Os códigos apresentados para nomear os participantes são os números escolhidos por eles para se identificarem.

A partir dos trechos selecionados pelo software e dos radicais selecionados para o Grupo 1 (Estatísticas sobre a violência), pode-se perceber que as respostas dos participantes apresentam a análise sobre o contexto social em que os adolescentes envolvidos em atos infracionais estão inseridos. Como por exemplo, a resposta do participante 2038: “sim, acredito, mas o problema está justamente no fato da percepção negativa que a sociedade atribui ao jovem. A questão de saber o que leva os jovens a cometerem atos delinquentes bem como o contexto no qual eles estão inseridos”. Também foram identificadas respostas com elementos empáticos a respeito da maneira com que a sociedade trata os adolescentes que se envolvem em atos infracionais, como a existência de preconceito, que provoca nos adolescentes uma falta de perspectiva de futuro e faz com que tenham uma imagem negativa de si mesmos. De acordo com os participantes, é preciso modificar a visão negativa que a sociedade tem dos adolescentes. São exemplos de Unidades de Contexto Elementar (UCE) características das respostas do Grupo 1: “eu coloquei sim, os próprios infratores (sic) desejariam uma ressocialização na sociedade, para amenizar a imagem negativa que eles sabem que tem, dando novas oportunidades para reconstruírem suas vidas e contribuírem na sociedade” (participante 2038); “E não tem perspectiva mesmo. A imagem que passam dele é muito mais negativa do que positiva. A pressão que eles sofrem é muito grande” (participante 2039).

Já nos participantes do Grupo 2 (Contexto de vida dos adolescentes envolvidos em atos infracionais), as respostas centraram-se na menção a falta de condições básicas de vida dos adolescentes, na dificuldade deles em conseguir emprego ou atividades de sustento de forma honesta, e uma ênfase na necessidade de políticas públicas que ajudem a resolver esses problemas sociais, evitando, assim, o envolvimento dos adolescentes em atos infracionais. Destacam-

se as seguintes falas dos participantes desse grupo: “eu falei das políticas inclusivas, o que eu quero dizer com políticas inclusivas? Você dar um substrato para que esse jovem possa encontrar outros meios de crescer na vida, que ele possa descobrir que ele não tem só aquela opção, que ele pode ir atrás de outras, de outra forma, de uma forma mais aceita socialmente e menos violenta” (participante 2001); “eu acredito que possa ter uma ressocialização, só que assim, eu acho que é necessário mais uma forma, uma perspectiva diferente de como encarar a sociedade, de como se virar lá fora, que você consegue fazer de outras formas, sem necessariamente estar indo de encontro com a lei...” (participante 2302); “porque eles geralmente são de um contexto desestruturado, essas pessoas que cometem atos violentos, aí elas buscam um meio de estruturar isso. A pessoa é de uma favela, que não tem condições de ter um poder aquisitivo melhor, ou o caso do menino que a mãe dele era drogada e tudo, ele vai encontrar a forma de tentar sanar o mal que a realidade traz pra ele...” (participante 2001).

No Grupo 3 (Condições nas instituições de ressocialização), as respostas se voltaram para um debate sobre a influência do tratamento que os adolescentes recebem em unidades de ressocialização na sua visão de mundo, perspectiva de futuro e possibilidades de reinserção social. De acordo com os participantes, a maneira com que os jovens são punidos e tratados severamente durante sua internação praticamente impossibilita a inclusão social e, conseqüentemente, leva à reincidência no envolvimento em atos infracionais. As falas dos participantes destacam a necessidade de uma mudança no tratamento que os adolescentes recebem nas instituições de ressocialização, de modo a promover a reabilitação e o redirecionamento dos interesses dos adolescentes para quando retornarem ao convívio social. São exemplos de respostas deste grupo: “ele aprendeu aquelas normas, ele aprendeu aquelas metas a serem inseridas e está praticando na vida dele. E o que pode ser feito? Eu acho assim, como eu estava falando nessa parte

deles aprenderem um comportamento, também acho que deveria haver pelo Estado um investimento no ensino de novos comportamentos a serem adquiridos (...)” (participante 2042); “então há também que ter uma intervenção com o adolescente fora do ambiente, fora desse ambiente de internação, trabalhando com os pais, que eu acho o mais difícil. E outra coisa, dentro dos centros também uma atividade que é feita é descobrir quais são as habilidades daquela pessoa” (participante 2029); “eles vão ter um caminho, sabe, eles quando saírem dali vão ter alguma coisa para fazer além do que eles faziam antes, no caso roubar, eles vão sair desse foco tendo outro foco na vida deles” (participante 2032).

É importante destacar que, neste grupo, as falas dos participantes apresentaram um componente afetivo mais evidente do que nos Grupos 1 e 2, o que pode indicar que as informações fornecidas no vídeo provocaram uma adoção de perspectivas dos participantes e resultaram num processo empático com os adolescentes que se envolvem em atos infracionais, como pode-se observar nos seguintes exemplos de respostas: “Meu Deus, vai colocar na cadeia para quê, essa pessoa? Ela vai aprender o quê? Se é uma mistura, porque não há uma divisão, nos presídios não há uma divisão por crime, é tudo como se fosse um bolo só, a mesma coisa, cometeram a mesma coisa, e vão aprender o que ali?” (participante 2045); “então em vez de ensinar a você como tem que fazer, eu vou lhe violentar cada vez mais, eu vou lhe torturar, eu vou lhe tratar feito bicho, lhe colocar numa condição desumana que não existe, não existe salubridade nenhuma, mínima, naquelas cadeias” (participante 2040); “por exemplo, está passando no jornal um presídio de não sei quantas pessoas, aí ele diz: aí, a justiça está sendo efetiva, mas na verdade ele não está preocupado com a qualidade, isso é o que dificulta, e eu acho que leva as pessoas que estão lá dentro a serem mais violentas” (participante 2042).

Finalmente, no Grupo 4 (História completa), é possível perceber que os participantes puderam variar mais nos aspectos analisados sobre a questão, em comparação com os outros grupos, provavelmente por terem recebido todas as informações que foram divididas nos demais grupos. Nesse sentido, foram identificadas respostas que enfatizaram a importância da efetivação de políticas públicas que diminuam a condição de desigualdade social e de vulnerabilidade dos jovens, bem como uma análise dos efeitos e dos malefícios do encaminhamento de jovens para unidades de ressocialização despreparadas e superlotadas, sem a estrutura necessária para o tratamento adequado deles.

A seguir, alguns exemplos de respostas representativas deste grupo: “para evitar a reincidência, deve-se principalmente fazer cumprir o programa socioeducativo que existe, dar todo um apoio para esse jovem no sentido de ele desenvolver a consciência de cidadão dele, a consciência do que é certo e do que é errado” (participante 2406); “planos e práticas de políticas públicas que fossem mais eficientes e a construção de um cidadão, de desenvolver aquela pessoa para que ela se construa como cidadão, a consciência dos direitos e deveres, ética...” (participante 2404); “essa seria uma medida a longo prazo, para resolver o problema pela raiz. E eu acho que antes mesmo da escola, a educação na família, garantir que as crianças que estão nascendo hoje irão ter um núcleo familiar, que elas vão ter uma rede de apoio adequada” (participante 2406); “como você vai para a escola com fome? Então é preciso que haja toda uma reestruturação, em todos os aspectos, não só na educação, mas em todos, que tudo seja revisto. Também coloquei garantir que a lei seja cumprida, porque existem muitos projetos legais mas não são cumpridos” (participante 2412); “E para evitar a reincidência, eu coloquei ter um acompanhamento psicológico, medidas educativas de qualidade, boas condições de estadia, e que a família também tenha um apoio” (participante 2410).

Destacam-se, ainda, respostas de participantes que apresentaram uma forte mobilização afetiva na análise do contexto de situação de vida dos adolescentes envolvidos em atos infracionais, como pode ser observado nas seguintes falas: “É preciso essa flexibilidade na lei, só que aí o que a gente está considerando, que a compaixão está intrínseca. A compaixão diz respeito ao amor de compreender aquela pessoa como ser humano, de compreender que você poderia estar naquele lugar ali também, reconhecer a pessoa, e alteridade, reconhecer a pessoa como ser humano...” (participante 2404); “aí chega lá, aí vem logo um tapa na cara da sociedade, a sociedade que bate na cara da pessoa, dizendo que não, você não vai ser isso, porque eu não estou preparada pra te receber...” (participante 2407).

Discussão

Este estudo objetivou analisar a influência do tipo de informação na descentração social dos julgamentos sobre adolescentes envolvidos em atos infracionais. Mais especificamente, buscou responder ao questionamento: será que oferecer outras informações, além do fato específico reportado nas notícias apresentadas geralmente pela mídia, faria diferença nos julgamentos dos participantes? A partir dos resultados apresentados, pode-se dizer que a resposta dessa pergunta é: Sim! Houve diferenças nas respostas entre os grupos que parecem estar relacionadas ao tipo de informação que foi oferecido no tratamento experimental.

Ao analisar as respostas apresentadas pelos participantes nos Grupos 2, 3 e 4, foi possível identificar elementos de descentração que não estão presentes nas respostas do Grupo 1, o que mostra que, de fato, a apresentação de informações “adicionais” foi importante para a análise dos participantes sobre o problema social do envolvimento de adolescentes em atos infracionais. Considerando o que aponta La Taille (2009) a respeito da importância das informações

para evitar as lacunas de conhecimento e a apresentação de discursos fragmentados, pode-se inferir que as informações que os grupos receberam sobre o contexto de vida dos adolescentes e a situação vivenciada por eles nas unidades de ressocialização, de certa forma, “preencheram” algumas lacunas e permitiram que esses elementos fossem considerados pelos participantes, o que não aconteceu com o Grupo 1.

Esse resultado também serve como um alerta sobre o perigo do acesso apenas a informações parciais, bem como sobre a importância de perspectivas variadas na apresentação de informações. O contato com informações variadas é de grande importância para a produção de conflito cognitivo que, conforme discutido por Piaget (1964/2010), tem papel fundamental para o desenvolvimento da descentração social que, por sua vez, possibilita ao indivíduo uma tomada de consciência mais abrangente. (PIAGET, 1953/2014).

É interessante ressaltar, inclusive, que as respostas dos Grupos 2, 3 e 4 pareceram se centrar nas informações obtidas nos vídeos, sendo notável o direcionamento da tomada de perspectiva a partir da informação (SELMAN, 1971), o que pode ter seu lado positivo e negativo. Se por um lado esses participantes trouxeram preocupações voltadas aos temas discutidos nos seus respectivos vídeos, por outro pareceram ter mais dificuldade de analisar aspectos não discutidos, algo observado especialmente nos grupos 2 e 3, que receberam informações parciais. Esse resultado corrobora as ressalvas feitas por autores como Hoffman (2000/2007) a respeito do paradoxo existente no papel das pistas situacionais (ZHURAVLOVA; CHEBYKIN, 2021). Ou seja, as informações apresentadas em cada grupo funcionaram como pistas para que os participantes utilizassem em seus raciocínios sobre o tema, mas ao mesmo tempo podem ter feito com que eles se mantivessem presos a essas pistas e não explorassem argumentos e aspectos que não foram apresentados ao seu grupo.

Considerando o tipo de informação apresentado em cada grupo, observou-se que as informações apresentadas no Grupo 3, a respeito das condições das unidades de ressocialização, parecem ter provocado uma sensibilização empática mais evidente na resposta dos participantes. Pode-se inferir que essa informação tenha provocado uma maior descentração pois é menos difundida na sociedade. Ou seja, ao que parece as pessoas já têm um certo conhecimento sobre as condições de vida de muitos dos adolescentes que se envolvem em atos infracionais: em geral, costumam ser adolescentes em situação de vulnerabilidade social e de um contexto socioeconômico e familiar desfavorável. No entanto, pouco se difunde sobre como esses adolescentes vivem e são tratados quando são apreendidos e enviados para unidades de ressocialização. Essa realidade se torna mais desconhecida, e por isso a apresentação dessa informação pode ter provocado um conflito cognitivo (PIAGET, 1990/2012; HOFFMAN, 2000/2007) que levou a tomada de perspectiva e uma conseqüente manifestação empática nos participantes.

Considerando que o Grupo 4 recebeu os dois tipos de informação divididos nos Grupos 2 e 3, as respostas dos participantes abordaram mais elementos e foi realizada de maneira integrada. Os participantes, tendo as informações num panorama mais completo, considerando as condições “antes e depois” do envolvimento de adolescentes e jovens em atos infracionais, foram capazes de considerar os dois aspectos ao avaliar o tema. Isso também permitiu um processo de Tomada de Perspectiva, chegando a níveis avançados como a capacidade de analisar a situação coordenando diferentes perspectivas (SELMAN, 1976; VAN LIESHOUT et al., 2019). Essa coordenação de perspectivas também facilitou a apresentação de um processo empático mais amplo, que Hoffman (2000/2007) denominou como Empatia para além da situação (GIBBS, 2019). Assim, os parti-

cipantes puderam considerar, conjuntamente, como o contexto de vida pode influenciar o futuro envolvimento de adolescentes em atos infracionais, assim como entender que o tratamento que eles recebem em unidades de ressocialização costuma ser ineficaz e acaba levando ao retorno desses adolescentes ao seu meio social de forma disfuncional.

Por fim, é válido analisar os resultados obtidos com o Grupo 1. A maioria das respostas dos participantes desse grupo mostrou uma análise bastante superficial da questão, confirmando que a ausência de informações limita a descentração social (PIAGET, 1953/2014; LA TAILLE, 2009; SELMAN; BYRNE, 1974; HOFFMAN, 2000/2007). No entanto, também foram encontradas falas que foram em um sentido inesperado. Na medida em que alguns participantes levaram em consideração como os adolescentes se sentem com o tratamento que recebem da sociedade e como esses sentimentos interferem na sua vida, pode-se dizer que há Tomada de Perspectiva Social. Cabe considerar, no entanto, que não foram feitas análises anteriores à execução do tratamento experimental, de maneira que é possível ponderar sobre conhecimento e sensibilização pré-existentes nos participantes deste grupo sobre esse tema, o que explicaria a capacidade de aprofundar o debate, mesmo com limitada informação nos vídeos apresentados.

Considera-se, portanto, que foram encontradas evidências da influência das informações no pensamento dos participantes. Esse resultado mostra que o uso de informações sobre um tema é um importante fator a ser considerado como influência nos argumentos e reflexões das pessoas sobre o assunto (DA SILVA, 2022). Apesar de não ser o objetivo principal deste trabalho, torna-se inevitável apontar a importância de uma maior preocupação dos agentes da mídia nos processos de formação de opiniões das pessoas, bem como a necessidade de uma maior conscientização da população sobre a importância de buscar informações diversificadas sobre os problemas sociais.

Limitações

É importante destacar que esse estudo possui algumas limitações. Uma delas é o tamanho da amostra e a diferença na quantidade de participantes por grupo. Para realizar grupos focais e pesquisas que demandam mais tempo dos participantes, torna-se mais difícil obter voluntários com disponibilidade de tempo. Por isso, optou-se por realizar os grupos mesmo com a diferença na quantidade de participantes. É necessário que estudos futuros ampliem o número de participantes para atribuir maior confiabilidade à verificação da relação entre os tipos de informações e a descentração no raciocínio. Também é importante apontar que o estudo foi realizado apenas com estudantes de psicologia. Recomenda-se que estudos futuros sejam realizados com outras populações, para diminuir esse possível viés. Por fim, a ausência de uma realização de pré-teste impede que se conheçam as opiniões prévias dos participantes e que se façam inferências a respeito do que foi mais predominante no seu raciocínio, as informações dos vídeos ou os conhecimentos prévios. É importante que novos estudos verifiquem essa questão.

Referências

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Diário Oficial da União 2012.

GIBBS, J. C. **Moral development and reality: Beyond the theories of Kohlberg, Hoffman, and Haidt**. Oxford University Press, 2019.

HOFFMAN, M. Moral Development in Adolescence. In. ADELSON, J. (Ed.). **Handbook of Adolescent Psychology**. NY: John Wiley, 1980.

HOFFMAN, M. **Empathy and Moral Development. Implications for caring and justice**. NY: Cambridge University Press, 2007 (Trabalho original publicado em 2000).

KWAŚNIEWSKA-PASZTA, S. Developing empathic sensitivity in younger children. **Society Register**, v. 5, n. 2, p. 135-154, 2021.

LA TAILLE, Y. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Artmed Editora, 2009.
LOVE, T. P.; DAVIS, J. L. Racial differences in women's role-taking accuracy: How status matters. **Sociological Science**, v. 8, p. 150-169, 2021.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim & Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Editora Universitária, 2010 (Trabalho original publicado em 1964).

Piaget, J. **Epistemologia genética**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2012. (Trabalho originalmente publicado em 1990).

PIAGET, J. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Trad. Cláudio J.P. Saltini & Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014 (Trabalho original publicado em 1953).

PINHEIROS, S.; CARDOSO, F.; RIBEIRO, P. Violência, erótica e julgamentos de generosidade: Um estudo piloto. **Revista E-Psi**, v. 8, n. 1, p. 35-49, 2019.

REINERT, M. **Alceste. Version 4.0 - Windows** (Manual). Toulouse: Societé IMAGE, 1998.

SARAIVA, E. R. A. **Violência contra idosos: Aproximações e distanciamentos entre a fala do idoso e o discurso da mídia impressa**. 2010. Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SCHARRER, E. Devemos nos preocupar com a violência na mídia? In. MAZZARELLA, S.R. e cols. **Os jovens e a mídia: 20 questões**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SELMAN, R. L. The role-taking to the development of moral judgment in the children. **Child Development**, 42, 79-91, 1971.

SELMAN, R.L. Social-Cognitive Understanding: A guide to educational and clinical practice. In LICKONA, T. (ed.). **Moral Development and Behavior. Theory, Research and Social Issues**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1976. p. 299-316.

SELMAN, R. L.; BYRNE, D. F. A structural developmental analysis of levels of role-taking in middle childhood. **Child Development**, 45, 803-806, 1974.

DA SILVA, V. L. D. S. A influência da mídia no Tribunal do Júri: análise dos desafios da defesa do acusado no julgamento (im) parcial. **Direito & Consciência**, v. 1, n. 2, 2022.

TERRIBELE, F. B. P.; MUNHOZ, T. N. Violência contra escolares no Brasil: Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE, 2015). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 241-254, 2021.

VAN LIESHOUT, C. F.M. et al. A. Social perspective-taking training: empathy and role-taking ability of preschool children. In: **The Developing Individual in a Changing World, Vol. 2: Social and environmental issues**. De Gruyter Mouton, 2019. p. 591-600.

ZHURAVLOVA, L.; CHEBYKIN, O. **The Development of Empathy: Phenomenology, Structure and Human Nature**. Routledge, 2021.

Recebido 21/09/2022

Aprovado 31/06/2023